

1º DE MAIO DE 2021

**Lutemos por nosso direito
a viver e trabalhar com dignidade!**

Deus ama a justiça e o direito

(Salmo 33,5)



SUBSIDIO DE REFLEXÃO

PASTORAL OPERÁRIA

Somos uma Pastoral Social da Igreja Católica a serviço da classe trabalhadora urbana, organizada, composta e dirigida por trabalhadoras e trabalhadores.

Fazemos parte das Pastorais Sociais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Na Pastoral Operária partilhamos nossa experiência de vida, e refletimos sobre nossa realidade de trabalhadoras e trabalhadores, à luz da Palavra de Deus e da Doutrina Social da Igreja.

Atuamos com o objetivo de promover a cidadania plena e o protagonismo dos/as trabalhadores/as empregados/as formais e informais, desempregados/as, aposentados/as, da economia popular solidária, na perspectiva da garantia de nossos direitos e nossa dignidade humana.



PASTORAL OPERÁRIA

EXPEDIENTE

Capa: Claudio Paulo Hernandes

Conteúdo: André Langer, Pe. Edson Thomassim e Jardel Lopes

Diagramação: Jardel Lopes

Revisão: Colegiada Nacional

Responsável pela publicação: Colegiada Nacional

Apoio: Misereor

APRESENTAÇÃO

A terceira década deste novo milênio inicia-se de modo muito desafiador para a classe trabalhadora brasileira. A flexibilização das leis trabalhistas e o alto investimento em tecnologia implementados nos últimos anos, sob o argumento de modernização, prometia crescimento econômico, geração de empregos, melhores condições de trabalho, aumento de renda, redução da carga horária de trabalho, mais tempo para descanso e convivência social, enfim, condições mais saudáveis de vida.

No entanto, vemos o contrário. A chamada modernização tem beneficiado somente os detentores do grande capital, em detrimento dos trabalhadores e trabalhadoras. Comprova-se sua falácia neste tempo de pandemia. A modernização implementada não contrapõe a crise, ao contrário, acentua, pois exclui grande parte da classe trabalhadora do próprio direito ao trabalho, confirmando o que o Papa Francisco afirma na Encíclica *Fratelli Tutti*, nº 162: “a grande questão é o trabalho”.

Estaria o trabalho deixando de existir por estar corporificando-se em tecnologias avançadas? Isso é fato, associado também à sofisticação da exploração, a exemplo do trabalho multiterceirizado, pelo qual uma multidão de trabalhadores e empresas interligam serviços presenciais e remotos, por meio de instrumentos tecnológico comunicacionais. Conceitua-se esse novo formato de atividades econômico profissionais que enriquecem a poucos, “capitalismo de plataformas”.

Diante desses desafios, a classe trabalhadora constrói, também, sua plataforma de lutas lúcidas e unitárias, inspiradas no 1º de Maio. As lutas que se constroem sobretudo em torno das comemorações desse dia, embora diversificadas, se entrelaçam visando assegurar o direito ao trabalho e à remuneração em condições dignas para todos e todas; construir relações humanas, verdadeiramente justas e fraternas; e defender a vida e nossa “casa comum”, integralmente.

Neste tempo de pandemia, impossibilitados de celebrações, concentrações e manifestações maciças, por ocasião do 1º de Maio, cabe-nos promover encontros virtuais e expressar-nos por distintos meios de comunicação e redes sociais. Para isso, a Pastoral Operária Nacional criou e disponibiliza este subsídio de reflexão, contendo desafios atuais do mundo do trabalho, luzes da Palavra de Deus e de documentos da Igreja sobre essa realidade, e propostas de ação.

Este subsídio contém uma abordagem popular sobre o trabalho, sugerida pelo Papa Francisco na Encíclica *Fratelli Tutti*, nº 162, para “fazer germinar as sementes que Deus colocou em cada um, as suas capacidades, a sua iniciativa, as suas forças”. Divulguelo em nossas comunidades, organizações de trabalhadores e redes de amizade, ampliando por meio dele, o alcance de nossas ações, com vistas a fortalecer nossa luta comum em prol de condições dignas de vida.

Dom Reginaldo Andrietta, Bispo Diocesano de Jales-SP
Referencial da CNBB para a Pastoral Operária Nacional

VER

**DESAFIOS MAIS
URGENTES NO
MUNDO DO
TRABALHO, HOJE**

Desemprego e informalidade

Em uma sociedade salarial, a pior coisa que pode acontecer à classe trabalhadora é a falta de emprego. Assim, em cada crise emerge o problema do desemprego e da informalidade. Tomemos os dados do IBGE, referentes ao trimestre que terminou em janeiro de 2021:

Taxa de desemprego	Taxa de subutilização	Desalentadas/os	Trabalhadoras/es por conta própria	Trabalhadoras/es domésticas/os
14,20%	29%	5,60%		
14,3 milhões de pessoas	34,2 milhões	5,9 milhões	23,5 milhões	4,9 milhões de pessoas
Taxa de informalidade	População fora da força de trabalho	Empregadas/os com carteira de trabalho assinada no setor privado	Empregadas/os sem carteira assinada no setor privado	Rendimento real habitual
39,7% da população ocupada		(sem os trabalhadoras/es domésticas/os)		R\$ 2.521,00
31,1 milhões	76,4 milhões	29,8 milhões de pessoas	9,8 milhões de pessoas	

Acrescentemos a este quadro outras informações do IBGE relativas ao ano de 2020. Nos dados de desocupação revela-se também a desigualdade de gênero: desde 2012 (início da série histórica da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), a taxa de desocupação entre mulheres sempre foi mais alta do que entre homens. No final de 2020, a diferença atingiu seu maior patamar: enquanto a taxa de desocupação entre homens foi de 11,9%, a de mulheres, de 16,4%.

O termo **subutilização** se refere às pessoas que são subutilizadas no mercado de trabalho. O seu tempo e remuneração não são totalmente suficientes e gostariam de encontrar mais um trabalho para preencher suas necessidades. O termo **desalentados** refere-se às pessoas que não estão desempregadas, mas desiludidas com o mercado, não buscam trabalho, embora aceitariam uma vaga se alguém oferecesse.

Ademais ocorre uma discriminação do rendimento médio da principal ocupação, entre homens e mulheres: a renda média do trabalho principal é R\$ 579 maior para os homens. Quando o recorte é de raça, os números são estarrecedores: em 2020, 72,9% da população desocupada se declarava preta ou parda. O desemprego entre os pretos é 7,4% era maior do que entre brancos; entre os pardos, 5%.

Além disso, o Brasil mergulhou em um processo precoce de desindustrialização, com graves consequências econômicas e sociais. Ultimamente, fomos surpreendidas/os com o anúncio de fechamento de várias grandes fábricas e o consequente fechamento de empregos:

- “
- ✓ a Ford, com o fechamento de cerca de 60 mil empregos diretos e indiretos;
 - ✓ a LG, com o fechamento de 700 vagas diretas;
 - ✓ a Mercedes Benz, com o fechamento de 370 empregos diretos.
 - ✓ Além disso, de acordo com dados do Sebrae, até março de 2020, pelo menos 600 mil micro e pequenas empresas fecharam as portas e 9 milhões de trabalhadoras/es foram demitidos em razão dos efeitos econômicos da pandemia do coronavírus.
- ” —

Pobres mais pobres, ricos mais ricos

A pandemia escancarou outra realidade: ela não é igual para todas e todos. Enquanto as trabalhadoras e os trabalhadores veem sua situação se degradar e a pobreza e a fome aumentar, o número de bilionários no Brasil e no mundo só aumentam.

Uma pesquisa feita no final de 2020, em 2180 domicílios, indicou que quase **117 milhões de brasileiras/os** conviveram com algum grau de insegurança alimentar e **9% delas/es sofreram insegurança alimentar grave**, isto é, estavam passando fome. De acordo com essa pesquisa 19 milhões de brasileiras/os passam fome na pandemia do novo coronavírus.

Já, a pesquisa da Central Única de Favelas (Cufa), Institutos Data Favela e Locomotiva, no RJ, em março de 2021, apontou que **82% da população que vive nas favelas e periferias, não consegue sobreviver sem doações**. Para essas pessoas, um auxílio emergencial de valor razoável é fundamental, o qual poderia ser subsidiado pela taxação sobre as grandes fortunas.

E por falar nisso, a pandemia, está sendo economicamente favorável para os super ricos. **O 1% mais rico das pessoas do mundo acumularam uma riqueza de 28 trilhões de reais em 2020**. Sozinhos, os 10 maiores bilionários acumularam 540 bilhões de dólares entre março e dezembro de 2020.

O Brasil segue essa tendência: **o número de brasileiros bilionários cresceu de 45, em 2020, para 65, agora**. No total, os brasileiros bilionários têm patrimônio conjunto de 291,1 bilhões de dólares, ou seja, 1,6 trilhão de reais. (**Fonte:** <https://economia.uol.com.br/> acesso em 17|04|2021).

Para refletir

O que mais nos chama a atenção nesses dados e informações? O que eles revelam?

Desestruturação do mercado de trabalho e a ação sindical

O **desemprego e a informalidade**, problemas mais conjunturais, vêm acompanhados de mudanças mais de fundo com vistas a **desmontar as estruturas de proteção social e de regulação do trabalho construídas ao longo do século XX**. As reformas trabalhista e previdenciária realizadas nos últimos anos com reação insuficiente da classe trabalhadora, estão em sintonia com a tendência neoliberal de dispor de uma força de trabalho desprotegida e fragmentada. Com essas reformas, os capitalistas preparam novas formas de dispor e gerir a força de trabalho, tais como a uberização do trabalho ou o chamado "capitalismo de plataformas".

As profundas e, algumas, irreversíveis transformações do capitalismo apresentam desafios também para a ação sindical, que nasceu e se fortaleceu em um contexto de forte industrialização em nosso país. Organizados por ramos profissionais bem estruturados, os sindicatos avançaram no contexto do sistema fordista de organização do trabalho. No entanto, começaram a sofrer revéses a partir da introdução de métodos de organização da produção e do trabalho implantados com o toyotismo.

As **taxas de sindicalização** são um sintoma dessa crise vivida pela ação sindical: em 2012, 16,1% das/os trabalhadoras/es ocupadas/os estavam sindicalizadas/os no Brasil. Conforme o IBGE, em 2019, esse contingente era de apenas 11,2% (aproximadamente, 2,5 milhões de trabalhadoras/es a menos sob a representação formal de sindicatos no Brasil).

“

Ao final de 2020, o **Brasil possuía mais de 76 milhões de pessoas com idade ativa fora do mercado de trabalho**, além de 33 milhões de trabalhadoras/es informais. Dentre os 52 milhões de trabalhadoras/es formais, numa análise otimista, é possível dizer que apenas 20% delas/es representam as/os sindicalizadas/os, que correspondem a 6% da força de trabalho brasileira.

Ao mesmo tempo, vemos coisas novas surgindo. Em várias partes do mundo, os governos começam a reconhecer um vínculo de emprego entre as/os trabalhadoras/es e as plataformas. É o caso do Reino Unido onde, recentemente, os tribunais trabalhistas decidiram pela classificação das/os motoristas da Uber como “trabalhadoras/es”, uma figura intermediária entre empregadas/os e autônomas/os, em que se garantem alguns direitos, como o salário mínimo, férias e regras sobre jornada de trabalho. Outros países, como Alemanha, França e Portugal, já reconheceram, também, essa relação trabalhista.

No Brasil, a 14^a turma do TRT da 2^a região afirma que as/os entregadoras/es da Rappi não têm a proclamada autonomia e determina que a multinacional colombiana deve assinar a carteira das suas trabalhadoras e seus trabalhadores, garantindo assim os seus direitos trabalhistas. Como vemos, em algumas situações, o jogo está começando a virar a favor das trabalhadoras e dos trabalhadores.



“

- 1** A agenda sindical brasileira atende à realidade da crise, causada pela desindustrialização, automação, informalidade e precarização?
- 2** Como criar a desejada consciência de classe/coletividade numa sociedade que privilegia a competição, a hipocrisia da meritocracia, o individualismo e o sexismo?
- 3** Como a ação sindical deve se preparar para enfrentar os desafios do capitalismo uberizado?

”

JULCAR

VIVER E
TRABALHAR
COM
DIGNIDADE

Deus ama o direito e a justiça.

Salmo 33,5

Os sinais dos tempos e a mística do Esperançar

“

O Dia da Trabalhadora e do Trabalhador é uma oportunidade de reconhecer,

- o LUTO de tantas vidas tombadas pela pandemia da COVID-19,
- a LUTA que nos mobiliza para defender nossos direitos,
- e o ESPERANÇAR que alimenta nossa resistência como pessoas de fé.

”

Estamos em tempos desafiadores, pois, mesmo antes da pandemia, já estávamos vendo o desmonte dos direitos trabalhistas e as mudanças das relações de produção por mais LUCRO em detrimento da VIDA. Este avanço da cartilha neoliberal nos coloca num momento crucial para pensarmos: como avançar na mobilização social?



Resistência de trabalhadores, do acampamento Quilombo Campo Grande, sul de Minas Gerais, durante a pandemia de 2020, contra ordem de despejo das famílias.

Esperançar é buscar, sonhar, lutar. Ao contrário de espera.



Sinais que estão por todos os lados e muito nos preocupam:



A Constituição *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, nº 9, já nos alerta: "O mundo atual apresenta-se assim simultaneamente poderoso e débil, capaz do melhor e do pior, tendo patente diante de si o caminho da liberdade ou da servidão, do progresso ou da regressão, da fraternidade ou do ódio. E a pessoa humana torna-se consciente de que a ela compete dirigir as forças que suscitou, e que tanto o podem esmagar como servir. Por isso se interroga a si mesmo".



Com toda a certeza a realidade que as/os trabalhadoras/es enfrentam nos dias atuais em plena pandemia, nos revela o que há de pior e também de melhor na sociedade. Por um lado, vemos o negacionismo e o projeto de morte das políticas econômicas do governo federal. Por outro lado, vemos o fortalecimento de redes solidárias e organizações populares que buscam soluções e reinventam-se.



O Papa Francisco aos Movimento Populares na Bolívia, em 2015:



“
Todo trabalhador, esteja ou não no sistema formal do trabalho assalariado, tem direito a uma remuneração digna, à segurança social e a uma cobertura de aposentadoria. (...) Hoje, quero unir minha voz às suas e acompanhá-los nas suas lutas (p. 35).
”

Fé e ação transformadora

Deus ama a justiça e o direito (Salmo 33,5) para que a vida de seu povo seja plena e que o valor do trabalho seja dom que nos impulsione para a missão de transformar este mundo em harmonia com o Criador.

O nosso Mestre foi aprendiz da consciência trabalhadora no chão da carpintaria do operário José, junto com os ensinamentos da líder comunitária de Nazaré, Maria, sua mãe. E agora nos desafia a com ele, aprender o valor, a dignidade e a alegria do que significa o pão fruto do próprio trabalho (Cf. Papa Francisco, *Patris Corde*, 2020, p. 20).

Assim, quando nos colocamos na realidade presente desta crise que é econômica, social, cultural e espiritual, pode constituir para todos um apelo a redescobrir o valor, a importância e a necessidade do trabalho para dar origem a uma nova “normalidade” em que ninguém seja excluído. "A perda do trabalho que afeta a tantos irmãos e irmãs e tem aumentado nos últimos meses devida à pandemia da Covid-19, deve ser um apelo a revermos nossas prioridades" (Cf. Papa Francisco, *Patris Corde*, 2020, p. 21)

Palavra que Ilumina:

Lucas 12,54-57



Como trabalhadores e trabalhadoras, e todos os contextos vivemos tempos que não são fáceis e nem animadores. Somos provocados e provocadas a não nos paralisarmos diante dos desafios, mas enfrentá-los com o discernimento claro do que é mais importante para nós: defender a vida e lutar pelos direitos que significam a pessoa humana. Nossa luta é justa.

Discernir nossa Missão

Como Pastoral Operária temos consciência que a nossa missão tem sentido na medida em que o trabalho for organizado de tal jeito que tudo esteja a serviço da vida da classe trabalhadora (cf. *Laborem Exercens* 25). Por isso, lembramos:

Como diz o **Documento de Aparecida (CELAM 2007)**: "o trabalho garante a dignidade e a liberdade do homem, e é provavelmente a chave essencial de toda a questão social. E o desemprego, a injusta remuneração pelo trabalho e o viver sem querer trabalhar são contrários ao desígnios de Deus. O discípulo e o missionário, respondendo a esse desígnio, promovem a dignidade do trabalhador e do trabalho, o justo reconhecimento de seus direitos e de seus deveres, desenvolvem a cultura do trabalho e denunciam toda injustiça" (nº 120 e 121).

Na **Encíclica Laudato Si**, o Papa Francisco nos diz: "Qualquer forma de trabalho pressupõe uma concepção sobre a relação que o ser humano pode ou deve estabelecer com o outro diverso de si mesmo" (nº 125). Por isso, a realidade atual de degradação da vida humana e ambiental, além do preocupante cenário da "uberização" das relações de trabalho, desordena a qualidade de vida, fere os direitos e coloca muitas/os trabalhadoras/es na condição, até mesmo, de extrema pobreza.

“

Na **Encíclica Fratelli Tutti**, vemos que é necessário pensar a participação social, política e econômica segundo modalidades "que incluem os movimentos populares e animem estruturas de governos (...) com aquela torrente de energia moral que nasce da integração dos excluídos na construção do destino comum" e, por sua vez, incentivar para que "estes movimentos, estas experiências de solidariedade que crescem de baixo, do subsolo do planeta, confluam, sejam mais coordenados, se encontrem" (nº 169).

”



- 1** Quais são os valores éticos que nos mobilizam na luta pela vida e pelos direitos da classe trabalhadora?
- 2** O que no Evangelho, nos conclama a lutar por justiça e dignidade?
- 3** Como alimentamos a mística do Esperançar nestes tempos tão desafiadores?

Referências bibliográficas:

BÍBLIA DO PEREGRINO. 2^a ed. Paulus, 2006.

BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral. Paulus, 1990.

CELAM, Documento de Aparecida, Ed. CNBB, Paulus, 2007.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES in Compêndio do Concílio Ecumênico VATICANO II. 2^a Ed. Paulus, 1997.

FRANCISCO. Discurso do Santo Padre Papa Francisco in Encontro Mundial e Movimento Populares – Documento Síntese. CEBI, 2014. P. 29-41.

_____. Carta Encíclica Laudato Sì – sobre o cuidado da Casa Comum. Paulus e Loyola, 2015.

_____. Carta Encíclica Fratelli Tutti – Sobre a Fraternidade e a amizade social. Paulus, 2020.

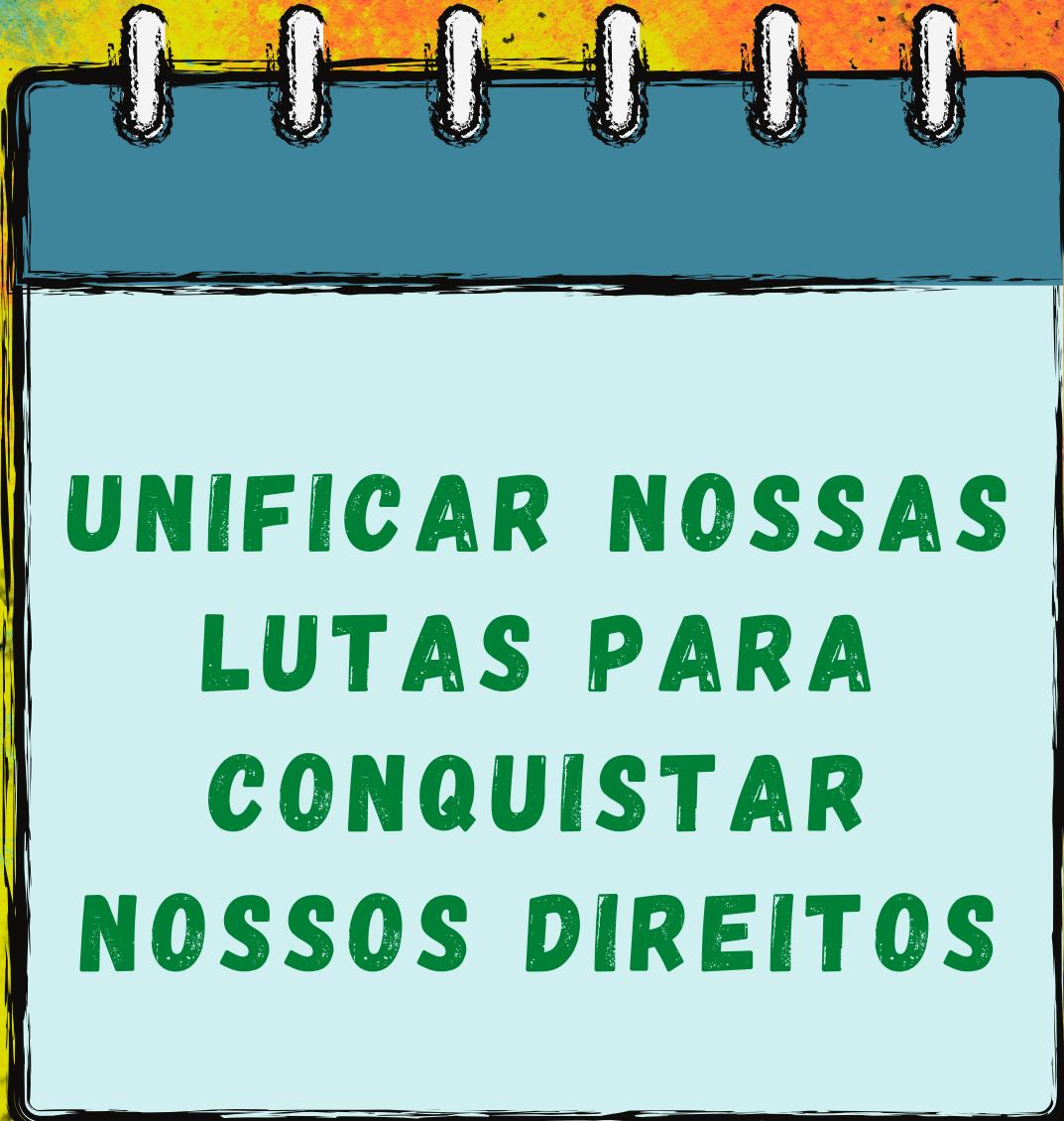
_____. Carta Apostólica Patris Corde – Por ocasião do 150º Aniversário do Declaração do São José como padroeiro universal da Igreja. Ed. CNBB e Paulus, 2020.

GASPA, Élio Estanislau. Cristiano e Economia: Repensar o Trabalho atém do Capitalismo. São Paulo: Paulinas, 2014.

GUERRA, Flávio. Ensino Social da Igreja e o Trabalho. Vozes, 1992.

JOAO PAULO II, Carta Encíclica Laborem Exercens. Loyola, 1981.

AGIR



Unificar nossas lutas para conquistar nossos direitos

 Como vimos, a realidade nos desafia, a ética nos interpela e a mística nos estimula. E agora? Não basta defender uma causa sem fazer algo concreto em prol da mesma. **Necessitamos engajamento, um compromisso que se faz em conjunto com outras pessoas que também lutam pela mesma causa.** Para uma ação organizada é imprescindível a articulação e mobilização. Esta também é uma das dificuldades do nosso tempo: manter a classe trabalhadora organizada para sustentar a mobilização em defesa dos direitos. **Esse é um desafio constante, para a pastoral operária, as demais pastorais sociais, os movimentos populares, sindicatos e partidos, e as Igrejas.**

 As circunstâncias do mundo do trabalho atual, exigem de toda a classe trabalhadora maior engajamento na luta pelo direito a **viver e trabalhar com dignidade**, o que implica preservar postos de trabalho e solidariedade com quem está desempregada/o.

 Temos visto que a fome, a desigualdade, a defesa do SUS e da vacina, nos interpelam a fortalecer nossa organização e nossa luta. Nesse momento, para que possamos “viver e trabalhar com dignidade”, **necessitamos de comida para quem tem fome e vacina para todas e todos.** Por isso, **lutamos por auxílio emergencial justo, de pelo menos R\$ 600,00.**

Para refletir...



Nos incomoda o fato de 19 milhões de pessoas estarem na miséria, enquanto cresce o numero de bilionárias/os?



Como sertá o mundo do trabalho após a pandemia?



A pandemia nos provoca o questionamento sobre a capacidade do Estado e do capital resolver nossos problemas básicos. Diante disso, **muitos gestos de solidariedade estão surgindo em todos os lugares**: ajuda com alimentos para famílias que estão desempregadas ou no trabalho informal, e que não conseguem sobreviver com renda própria; alimentos e roupas para pessoas que estão em situação de rua.



Como vimos, **os mais afetados são mulheres e população negra**. Em qualquer luta social não se pode deixar de lado esses dois grandes grupos de trabalhadoras e trabalhadores. O que dizem as organizações de mulheres sobre o reconhecimento da sua dignidade? O que diz os movimentos ou coletivos de negros, sobre as lutas contra o genocídio?

Pesquisando...

Quais grupos de mulheres e negros/as existem na sua cidade e região? O que esses grupos estão fazendo?



Luta organizada e unificada



Não basta “lutar por lutar”. É preciso que a luta tenha sentido, bem como saber em favor do quê e de quem lutamos. Neste momento, no Brasil, temos um governo negacionista do vírus letal e promotor de um modelo econômico que também mata. Isso nos afeta a todas e todos. Portanto, **a luta deve ser unificada** por uma mudanças profundas.

Vejamos a seguir alguns desafios e perspectivas para a luta, hoje.

Desafios e perspectivas

O movimento da solidariedade está garantindo a vida nas periferias, comunidades, favelas. **Como avançar da consciência coletiva pela solidariedade para a consciência de classe na luta por direitos?**

Em fevereiro de 2021, a Suprema Corte do Reino Unido definiu sua sentença classificando os motoristas da Uber como "trabalhadoras/es" e a garantia de alguns direitos, como o salário mínimo, férias e regras sobre jornada de trabalho. **Como avançar essa questão no Brasil?**

O Papa Francisco destaca que "a grande questão é o trabalho", (*Fratelli Tutti*, nº 162), e isso nos desafia, enquanto cristãs e cristãos, colocar o Trabalho entre as principais pautas das questões sociais, apontadas pela igreja.

O momento exige uma espiritualidade que se coloca no meio do conflito de modo a superar o individualismo, os interesses pessoais, a indiferença, o poder sem serviço, o amor sem sacrifício, a fé sem obras. "Guardemos o pessimismo para tempos melhores!" (Frei Betto). **Como alimentamos a nossa espiritualidade?**

O apelo pelo trabalho de base.

A luta precisa de todos e todas: **movimentos populares, sindicatos, organizações de trabalhadoras/es informais, pastorais, Igrejas e comunidades.**

A resistência das/os trabalhadoras/es da Ford para não fechar a fábrica no Brasil e das/os trabalhadoras/es da Petrobrás contra a venda e privatização da empresa.

A 6ª Semana Social Brasileira está realizando mutirões importantes de conhecimento e de ação sobre as realidades da terra, do teto e do trabalho.

No Brasil, já há vários **movimentos e associações de trabalhadores por aplicativos** que se organizam em vários estados e lutam por regulamentação, remuneração justa e segurança no trabalho. **Estamos apoiamos essa causa?**

Apropriá-nos das tecnologias usadas como ferramentas de exploração, para criar alternativas ao modo de produção capitalista.

Jesus nos desafia a ler os sinais dos tempos e agir. Não podemos parar de lutar nem desanimar diante da monstruosidade das ameaças do sistema econômico que massacra a classe trabalhadora.



A **6ª Semana Social Brasileira (6ª SSB)** é um **Mutirão pela Vida: por Terra, Teto e Trabalho**, em vista de um projeto popular e democrático de nação. A 6ª SSB é construída coletivamente, entre pastorais e movimentos populares. Os 30 anos de Semanas Sociais Brasileiras têm contribuído para articular forças sociais e políticas de grande vitalidade na sociedade. O tema "trabalho", presente desde o início, continua fundamental. Participemos no processo desta 6ª SSB, atentos para as "coisas novas" do mundo do trabalho, hoje, e corajosos para assumir, também, os novos desafios. Mais informações: [www\(ssb.org.br](http://www(ssb.org.br)



1

Qual o nosso lugar como pessoas e comunidades cristãs, na luta coletiva pelo direito a viver e trabalhar com dignidade?

2

A sua comunidade, paróquia, diocese, igreja têm abertura para as questões referentes ao mundo do trabalho?

3

O que nós propomos fazer para expandir a organização dos trabalhadores e trabalhadoras nos nossos ambientes de trabalho, bairros, comunidades, municípios e diocese?

4

O que conhecemos ou queremos conhecer sobre a Pastoral Operária? Como?

5

O que podemos construir com a 6ª SSB no campo do trabalho?

NO COLO DA MÃE ENCONTRAMOS O AMOR DE DEUS

Oração pelas desempregadas e desempregados

Senhora mãe de Deus e nossa mãe,
acolhe teus filhos e filhas em teu colo protetor.

A quem falta o trabalho, quanto desprezo, quanta dor!
Somos filhas e filhos sem culpa, buscando o sustento.

Ensina-nos a multiplicar o alimento,
como nas Bodas de Caná
e arranca de todas e todos o sofrimento.

Somos filhas e filhos sem culpa,
buscando identidade de um trabalho
sem exploração e sem maldade.

Illumina a criatividade para criar novos trabalhos.
Assim, afastamos o desemprego
que desola e tira sossego.

Na certeza, Mãe querida,
de que o trabalho produz vida,
seguimos com nossa ação e na vossa proteção,
construindo a plenitude que aponta sinais.

Mas, queremos mais: contigo e teus cuidados gloriosos,
nos elevarmos como classe e derrubar os poderosos.

Amém.

1º DE MAIO: dia luta da classe trabalhadora

O Dia Internacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras foi criado em 1889, por um Congresso Socialista realizado em Paris. A data foi escolhida em homenagem à greve geral, que aconteceu em 1º de maio de 1886, em Chicago, o principal centro industrial dos Estados Unidos naquela época. Milhares de trabalhadoras/es foram às ruas para protestar contra as condições de trabalho desumanas às quais eram submetidos e exigir a redução da jornada de trabalho de 13 para 8 horas diárias.

Naquele dia, manifestações, passeatas, piquetes e discursos movimentaram a cidade. Mas, a repressão ao movimento foi dura: houve prisões, feridos e até mesmo mortos nos confrontos entre as/os operárias/os e a polícia. Em memória dos mártires de Chicago, das reivindicações operárias que nessa cidade se desenvolveram em 1886 e por tudo o que esse dia significou na luta das/os trabalhadoras/es pelos seus direitos, servindo de exemplo para o mundo todo, o dia 1º de maio foi instituído como o Dia Internacional dos Trabalhadores e das Trabalhadoras.



REALIZAÇÃO:



PASTORAL OPERÁRIA NACIONAL

Rua Guarapuava 317, Mooca

03164-150 São Paulo-SP

Telefone: (11) 2695-0404

E-mail: pastoral.operaria.nacional@gmail.com

Site: www.pastoraloperaria.org.br

Facebook: [pastoraloperarianacional](https://www.facebook.com/pastoraloperarianacional)

APOIO:

MISEREOR
• IHR HILFSWERK